

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO TRIPUÍ, OURO PRETO, MG¹

Gilberto Pedralli²
Valéria Lúcia de Oliveira Freitas²
Sylvia Therese Meyer²
Maria do Carmo Brandão Teixeira²
Ana Paula Santos Gonçalves²

Recebido em 9/1/97. Aceito em 28/12/97

RESUMO—(Levantamento florístico na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG). Realizou-se o levantamento florístico na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG (43°34'33" W e 20°23'45" S). O clima da região é do tipo mesotérmico, com inverno seco (Cwb sg. Köppen) e com temperaturas médias oscilando entre 14° e 19°C. A Estação apresenta como principais tipos vegetacionais as florestas mesófilas estacionais, o cerrado, a vegetação aquática (brejos, lagoa artificial e córregos) e as formações sucessionais ('candeial'). Para o levantamento florístico utilizou-se o método de parcelas e coletas por trilhas e caminhos, sendo identificadas 101 famílias, 242 gêneros e 462 espécies. As famílias que apresentaram maior riqueza específica foram Asteraceae (10,82%), Melastomataceae (8,22%), Myrtaceae (7,14%) e Rubiaceae (4,76%).

Palavras-chave: florística, inventário, Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, Minas Gerais, fanerógamas, pteridófitas

ABSTRACT—(Floristic inventory in the Tripuí Ecological Station, Ouro Preto, MG). A floristic inventory was carried out in Tripuí Ecological Station, Ouro Preto, Minas Gerais state (43°34'33" W and 20°23'45" S). In this region the climate, according to Köppen's classification, is Cwb, i.e., with a mild summer and a dry winter. The main vegetation types identified were semideciduous mesophytic forests, cerrado, aquatic vegetation ('brejos', artificial lake and creeks) and secondary formations ('candeial'). Through the floristic inventory in plots, trails and ways were identified 101 families, 242 genera and 462 species. Asteraceae (10,82%), Melastomataceae (8,22%), Myrtaceae (7,14%) and Rubiaceae (4,76%) were the families with the greatest specific richness.

Key words: floristic, inventory, Tripuí Ecological Station, Ouro Preto, Minas Gerais State, phanerogamas, pteridophytes

¹ Trabalho apresentado no XLV Congresso Nacional de Botânica, São Leopoldo, RS. Auxílios: FNMA e FAPEMIG

² Setor de Recursos da Terra, Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais, C.P. 2306, CEP 31170-000, Belo Horizonte, MG

Introdução

A Estação Ecológica do Tripuí (E.E.T.) localiza-se no município de Ouro Preto, sudeste da zona mais industrializada e densamente povoada do Estado de Minas Gerais, denominada Zona Metalúrgica. A região em que se insere a E.E.T. recebeu também da UNESCO, a titulação de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (FEAM 1995).

No mapa fitogeográfico de Martius (1858), a região de Ouro Preto encontra-se entre as regiões denominadas Oreades e Dryades. Veloso (1966) enquadra a região na área das "florestas estacionais semidecíduais". Em 1991, este autor afirmou que o "conceito deste tipo de vegetação está condicionado pela dupla estacionalidade climática, uma tropical, com época de intensas chuvas de verão, seguida por estiagens acentuadas, e outra subtropical, sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio de inverno, com temperaturas médias inferiores a 15°C".

No mapa dos Domínios Morfoclimáticos da América do Sul, Ab'Saber (1977) inclui a região na área de transição entre os "Domínios da Floresta Atlântica e dos Cerrados".

Segundo Ferri (1980), a região situa-se no Domínio das "Florestas Costeiras ou Atlântica", mostrando em sua composição florística algumas espécies mais representativas, como as quaresmeiras ou manacás-da-serra (*Tibouchina* spp.), os ipês de flores roxas, amarelas ou brancas (*Tabebuia* sp.) e as várias espécies de *Cassia* spp. e *Vochysia* sp. (pau-tucano) de flores amarelas. Dentre os fetos arborescentes cita *Cyathea* spp. e *Alsophila* spp.

Para Eiten (1983), a região se insere na Floresta Atlântica, que apresenta manchas de campos rupestres e campos montanos intercalados e, para o IBGE (1992), a região de Ouro Preto situa-se no Domínio da formação "Floresta Estacional Semidecidual Submontana".

Na área da E.E.T. foram realizados, anteriormente, levantamentos florísticos não sistematizados (Badini 1985, 1988). Na primeira lista apresentada em 1985, foram identificadas 57 famílias, 142 gêneros e 208 espécies e na segunda lista, apresentada em 1988, houve um incremento significativo no número de gêneros e espécies, tendo sido identificadas 44 famílias, 160 gêneros e 242 espécies.

O presente trabalho, que é parte de um projeto mais abrangente (CETEC 1996), teve como objetivo o levantamento florístico no âmbito da E.E.T.

Material e métodos

A E.E.T., criada em 1978 para proteger o habitat do *Peripatus acacioi*, está situada no município de Ouro Preto, aproximadamente a 100 km de Belo Horizonte, entre os meridianos 43° 34' 33" Long. W e os paralelos 20° 23' 45" Lat. S, correspondendo à porção inferior da sub-bacia do córrego Botafogo. Possui área de 337,0 ha, está localizada entre 1.280 e 1.450 metros de altitude e se limita, geologicamente, ao norte e ao nordeste por rochas xistosas da Formação Sabará e ao sul e ao sudeste por filitos grafitosos da Formação Barreiro. Os solos são desenvolvidos sobre material litológico atribuído ao Grupo Minas, constando essencialmente de xistos, filitos e, bem menos freqüentemente, influenciado por quartzitos. Ocorre em relevo

muito movimentado (forte ondulado e montanhoso), com declividades dominantes quase sempre superiores a 25%, atingindo muitas vezes mais de 45%. Apresentam caráter raso (solos Litólicos) ou pouco a mediamente profundo (Cambissolos) com presença de minerais primários facilmente intemperizados. A fertilidade natural é muito baixa, devido aos reduzidos teores de Ca, Mg, K e P e a acidez é elevada, contendo excesso de Al (CETEC 1996). O clima da região é do tipo Cwb, segundo Köppen, temperado úmido com inverno seco e verão quente e chuvoso, cujas médias anuais de precipitação variam de 1.450 a 1.800mm. As temperaturas médias anuais oscilam entre 14° e 19°C (Antunes 1986).

O levantamento florístico foi realizado no período de outubro/1991 a novembro/1995, em seis parcelas de 10x25m e através de caminhadas por trilhas e caminhos da E.E.T. A rede de amostragem e a localização da E.E.T. podem ser observadas na Fig. 1. As áreas foram assim denominadas 1 - Pomar, 2 - Apiário, 3 - Adão, 4 - Fortes, 5 - Esperto e 6 - Trevo. Estas áreas foram selecionadas com base no estágio de desenvolvimento dos 'candeiais', desde as fases iniciais de desenvolvimento, onde *Vanillosmopsis erythropappa* é a espécie mais importante, até o estágio onde esta espécie praticamente desaparece, na floresta mesófila melhor estabelecida. Além deste, outros dois critérios foram utilizados: a topografia, em diferentes vertentes, e a posição relativa em relação ao ângulo de insolação a que as áreas estão sujeitas.

O material coletado foi herborizado segundo as técnicas convencionais (Mori *et al.* 1989), e identificado através de morfologia comparada, com o auxílio de bibliografia especializada (Barroso 1978; 1984; 1986; Martius *et al.* 1840-1906; Reitz 1965-1989), realizando-se comparações com exsiccatas depositadas nos Herbários do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo (SPF) e do Instituto de Botânica de São Paulo (SP) e enviando-se materiais para especialistas. Os materiais, após identificação, foram incorporados ao Herbário e Xiloteca do Setor de Recursos da Terra (SAT), da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais - CETEC (HXBH).

A lista de espécies foi elaborada segundo o sistema de classificação de Cronquist (1988), sendo apresentada em ordem alfabética por famílias, gêneros e espécies, incluindo-se dados sobre hábitos. Para a definição do hábito das espécies foi utilizada a nomenclatura de Font Quer (1977), com as seguintes abreviaturas: AR- Árvore; AB- Arbusto; E- Erva; L- Liana e M- Macrófita aquática (Cook 1974).

Para o cálculo de similaridade entre este e os diferentes trabalhos da literatura, foi utilizado o índice de Sorensen, citado por Magurran (1988), como segue:

$$S = \frac{2 \times j}{a+b} \quad \text{onde} \quad \begin{array}{l} j = \text{número de espécies comuns a ambas as áreas} \\ a = \text{número de espécies na área 1} \\ b = \text{número de espécies na área 2} \end{array}$$

Resultados e discussão

Como resultado do levantamento florístico foram identificadas 101 famílias, 242 gêneros e 462 espécies (Tab. 1), expressivo se comparado aos estudos realizados por Badini (1985, 1988) na E.E.T. e em florestas mesófilas semidecíduas do Estado de São Paulo (Gibbs & Leitão Filho 1978; Martins 1979; Mathes 1980; Cavassan *et al.* 1984; Pagano & Leitão Filho 1987).

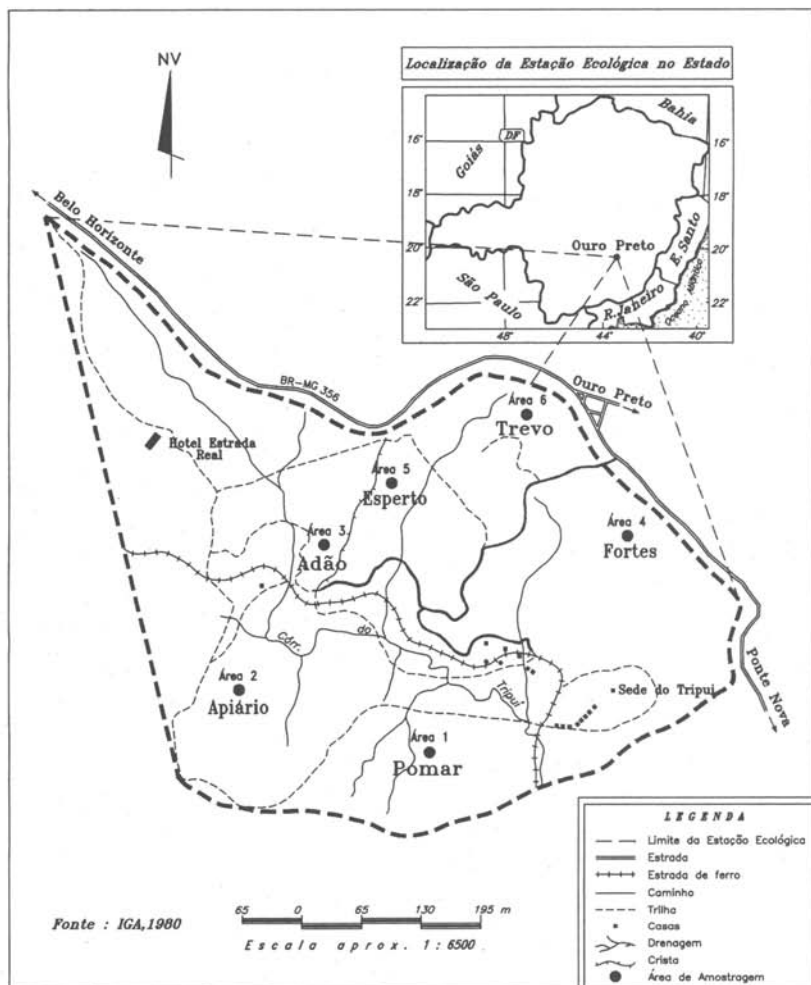


Figura 1. Mapa indicativo das áreas de estudo na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, Minas Gerais.

As famílias que apresentaram maior número de espécies foram Asteraceae (10,82%), Melastomataceae (8,22%), Myrtaceae (7,14%) e Rubiaceae (4,76%), conforme mostra a Fig. 2. Se consideradas em conjunto, Caesalpiniaceae, Mimosaceae e Fabaceae somaram 6,92% do total de espécies identificadas (Fig. 2). Essas, somadas às quatro primeiras famílias perfazem 37,86% do inventário total. Excetuando Asteraceae, estes dados estão de acordo com os levantamentos florísticos em florestas estacionais (mesófilas) da região sudeste do Brasil (São Paulo e Minas Gerais), onde essas famílias aparecem como as mais representativas (Tab. 2) em número de espécies (Cavassan *et al.* 1984 ; Pagano & Leitão Filho 1987; Vieira *et al.* 1989; Rodrigues *et al.* 1989; Grombone *et al.* 1990; Vilela *et al.* 1994; Pagano *et al.* 1995).

Tabela 1. Espécies identificadas e respectivos hábitos na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG.

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
ACANTHACEAE	
<i>Mendoncia cf. puberula</i> Mart.	L
ALSTROEMERIACEAE	
<i>Alstroemeria</i> sp.	L
ANACARDIACEAE	
<i>Anacardium occidentale</i> L.	AR
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi ("aroeirinha")	AR
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl. ("peito-de-pombo, pau-pombo")	AR
ANNONACEAE	
<i>Guatteria gomeziana</i> St.Hil.	AR
<i>G. cf. pohliana</i> Schlecht.	AR
<i>G. sellowiana</i> Schlecht.	AR
<i>G. vilosissima</i> St.Hil.	AR
<i>Xylopia</i> sp. ("pimenta-de-macaco")	AB
APIACEAE (=UMBELLIFERAE)	
<i>Centella biflora</i> Nannf.	E/M
APOCYNACEAE	
<i>Aspidosperma parvifolium</i> DC.	AR
<i>A. cf. polyneuron</i> Muell.Arg.	AR
AQUIFOLIACEAE	
<i>Ilex</i> aff. <i>conocarpa</i> Reissk.	AB
<i>I. grandii</i> Reissk.	AB
<i>I. retusa</i> Reissk.	AB
<i>I. subcordata</i> Reissk.	AB
<i>I. cf. theezans</i> Mart.	AB
ARALIACEAE	
<i>Didymopanax macrocarpum</i> (Cham. et Schlecht.) Seem.	AR
<i>D. morototoni</i> Decne & Planch.	AR
ARAUCARIACEAE	
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) O.Kze. ("pinheiro-do-paraná")	AR
ASCLEPIADACEAE	
<i>Blepharodum nitidum</i> (Vell.) Macbr.	L
<i>Calostigma cf. guillemianum</i> Decne	L
<i>Ditassa cf. edmundoi</i> Fontella & Valente	L
ASTERACEAE (=COMPOSITAE)	
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. ("marcela")	E
<i>Achyrocline</i> sp. "marcela"	E
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	E
<i>Baccharis calvescens</i> DC.	E
<i>B. helychrysoides</i> DC.	E
<i>B. mesoneura</i> DC.	E
<i>B. cf. opuntioidea</i> Mart. ex Bak. ("carqueja")	E
<i>B. platypoda</i> DC.	AR
<i>B. reticulata</i> DC.	AB
<i>B. cf. tarchonantheroidea</i> DC. ("assa-peixe")	E
<i>B. trimera</i> DC. ("carqueja")	E
<i>Baccharis</i> sp.	E

Tabela 1 - continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Bidens pilosa</i> L. ("picão-preto")	E
<i>Eclipta alba</i> Hassk.	E
<i>Emilia sagitata</i> DC.	E
<i>Eremanthus incanus</i> Less. ("candeião")	AR
<i>E.cf. sphaerocephalus</i> Bak.	E
<i>E. amygdalium</i> Lam.	AB
<i>E. buplevifolium</i> DC.	E
<i>E. cinero-viride</i> Schultz	E
<i>E. gaudichaudianum</i> DC.	ABVE
<i>E. cf. hebecladum</i> DC.	AB
<i>E. intermedium</i> DC.	AB
<i>E. aff. itatiaynensis</i> Hier.	E
<i>E. aevigatum</i> Lam.	AB
<i>E. polystachyum</i> DC.	AB
<i>E. squarulosum</i> H. & A.	E
<i>E. vautherianum</i> DC.	AB
<i>Gochnatia</i> sp.	AR
<i>M. cf. capricornis</i> Rob.	L
<i>M. cordifolia</i> (L.f.) Willd.	L
<i>M. hirsutissima</i> DC.	L
<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Bak.	AR
<i>P. cf. macropoda</i> Bak.	AB/E
<i>P. aff. oblonga</i> Bak.	AR
<i>P. rotundifolia</i> Bak.	AR
<i>Porophyllum cf. lineare</i> DC.	E
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	E
<i>Symphypappus polystachyus</i> DC.	E
<i>Trixis sessinii</i> DC.	E
<i>T. verbasciformis</i> Less.	E
<i>Vanillosmopsis erythropappa</i> Schult. Bip. ("candeia")	AR
<i>Verbesina glabrata</i> Hook. & Arn.	E
<i>Vernonia cognata</i> Less.	E
<i>V. discolor</i> (Spreng.) Less.	AR
<i>V. mucronulata</i> Less.	AR
<i>V. cf. nitidula</i> Less.	AB
<i>V. aff. polyanthes</i> Less.	AB
<i>V. aff. scorpioides</i> (Lam.) Pers.	E
<i>V. tweediana</i> Bak.	E
BALANOPHORACEAE	
<i>Langsdorffia hypogaea</i> Mart.	SP
BEGONIACEAE	
<i>Begonia hispida</i> Schott ex DC. ("begônia")	E
<i>B. cf. reniformis</i> Dryander	E
BERBERIDACEAE	
<i>Berberis laurina</i> Bellb.	E
BIGNONIACEAE	
<i>Distictis</i> sp.	L
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC. ("jacarandá")	E
<i>Lundia nitidula</i> DC.	L
<i>Pyrostegia venusta</i> Miers ("cipó-São-João")	L
<i>Stizophyllum</i> sp.	L

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sand.	AR
<i>T. chrysotricha</i> (Mart. ex DC.) Standl. ("ipê-amarelo")	AR
<i>T. vellosi</i> Toledo ("ipê-amarelo")	AR
BLECHNACEAE	
<i>Blechnum cordatum</i> (Desv.) Hier.	E
<i>B. regnellianum</i> (Kunze) C. Chr.	E
<i>B. serrulatum</i> L.C. Rich	E
BRASSICACEAE (= CRUCIFERAE)	
<i>Brassica campestris</i> L.	E
<i>Cardamine bonariensis</i> Bak.	E
<i>Nasturtium</i> sp.	E
BROMELIACEAE	
<i>Aechmea bromeliifolia</i> (Rudge) Bak.	E
BUDDLEJACEAE	
<i>Buddleja brasiliensis</i> Jacq.f. ex Spreng.	E
BURSERACEAE	
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March. ("almecegueira")	AR
CAMPANULACEAE	
<i>Siphocampylus convolvulaceus</i> G. Don.	E
<i>S. corymbiferus</i> Pohl.	E
<i>S. verticillatus</i> (Cham.) G. Don.	E
<i>S. westinianus</i> (Bilb.) Pohl	E
CAESALPINIACEAE (= LEGUMINOSAE-CAESALPINIOIDEAE)	
<i>Caesalpinia</i> aff. <i>pyramidalis</i> Tul.	E
<i>Chamaecrista</i> aff. <i>conferta</i> (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	E AB
<i>C. desvauxii</i> (Collad.) Killip.	AR
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. ("pau-d'óleo")	AR
<i>Senna cana</i> var. <i>hypoleuca</i> (Ness & Mart.) H.S. Irwin & Barneby	AR
<i>S. macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Barneby	AR
<i>S. multijuga</i> (L.C. Rich.) H.S. Irwin & Barneby	AB
<i>S. obtusifolia</i> (L.) E.S. Irwin. & Barneby	AR
<i>Swartzia pilulifera</i> Benth.	AR
CAPRIFOLIACEAE	
<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	L
CELASTRACEAE	
<i>Maytenus communis</i> Reissk.	AR
<i>M. gonocladus</i> Mart.	AR
<i>M. pseudocasearia</i> Reissk.	AR
CLETHRACEAE	
<i>Clethra scabra</i> Pers.	AR
CLUSIACEAE (= GUTTIFERAE)	
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	AR
<i>V. micrantha</i> Mart.	AR
COMBRETACEAE	
<i>Combretum</i> sp.	L
<i>Terminalia</i> aff. <i>glabrescens</i> Mart.	

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
COMMELINACEAE	
<i>Commelina erecta</i> L.	E
<i>Dichorisandra pubescens</i> Mart.	E
<i>Tripogandra diuretica</i> (Mart.) Handl.	E
CONVOLVULACEAE	
<i>Ipomoea aristolochiaefolia</i> G. Don.	L
<i>I. cf. franciscana</i> Choisy	L
<i>I. purpurea</i> Lam.	L
CUNONIACEAE	
<i>Lamanonia ternata</i> Vell. ("guaperê")	AR
CYATHEACEAE	
<i>Trichipteris corcovadensis</i> (Raddi) Copel.	AB
<i>T. gardneri</i> (Hook.) R. M. Tryon	
CYPERACEAE	
<i>Ascolepsis brasiliensis</i> (Kunth.) C. B. Clarke	AB
<i>Carex</i> sp.	E
<i>Cyperus ferax</i> L. C. Rich.	E
<i>Fimbristylis autumnalis</i> (L.) R. et P.	E
<i>Heleocharis debilis</i> Kunth	E
<i>Rhynchospora exaltata</i> Kunth ("capim-navalha")	E
<i>R. polyantha</i> Steud.	E
DENNSTAEDTIACEAE	
<i>Lindsaea lancea</i> (L.) Bedd.	E
<i>L. stricta</i> (Sw.) Dryand.	E
DILLENACEAE	
<i>Davilla cf. angustifolia</i> St. Hil.	L
<i>D. elliptica</i> St. Hil. ("lixreira")	L
DIOSCOREACEAE	
<i>Dioscorea bulbifera</i> L. ("cará")	L
<i>D. microbotrya</i> Griseb.	L
<i>D. scabra</i> H. & B. in Willd.	L
DROSERACEAE	
<i>Drosera montana</i> Mart.	E
DRYOPTERIDACEAE	
<i>Diplazium petersenii</i> (Kunth.) Christ	E
<i>Elaphoglossum subarborescens</i> Ros.	E
<i>Lastreopsis amplissima</i> (C. Presl.) Tind.	E
EQUISETACEAE	
<i>Equisetum</i> sp. ("cavalinha")	E
ERICACEAE	
<i>Gaylussacia fasciculata</i> Gardner	E
<i>G. pseudogaultheria</i> Cham. & Schlecht.	E
<i>G. oleifolia</i> Dunal	E
<i>G. salicifolia</i> Cham. et Schlecht.	AB
ERIOCAULACEAE	
<i>Syngonanthus caulescens</i> (Poir.) Ruhl.	E

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
ERYTHROXYLACEAE	
<i>Erythroxylum</i> aff. <i>engleri</i> Schulz	AR
<i>E. flexuosum</i> Schulz	AB
<i>E. suberosum</i> St. Hil.	AB
EUPHORBIACEAE	
<i>Croton ceanothifolius</i> Baill.	AB
<i>C. floribundus</i> Spreng.	AR
<i>C. urucurana</i> Baill. ("sangra-d'água")	AR
<i>C. widgrenianus</i> Muell. Arg.	E
FABACEAE (= Leguminosae-Papilionoideae)	
<i>Crotalaria anagyroides</i> H.B.K. ("guizo-de-cascavel")	AB/E
<i>Crudia</i> sp.	AR
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vog.	
<i>D. frutescens</i> Britt.	AR
<i>D. variabilis</i> Vog.	AR
<i>D. villosa</i> Benth.	AR
<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC. ("pega-pega")	E
<i>D. subsericeum</i> Malme ("pega-pega")	E
<i>Galactia decumbens</i> Benth.	L
<i>G. rugosa</i> Benth.	L
<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	AR
<i>M. villosum</i> Vog.	AR
<i>Macrolobium</i> sp.	AR
<i>Sweetia</i> sp.	AR
FAGACEAE	
<i>Castanea sativa</i> Mill.	AR
FLACOURTIACEAE	
<i>Abatia americana</i> (Gardner) Eich.	AB
<i>Azara</i> sp.	AR
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	AR
<i>C. sylvestris</i> Sw.	AR
<i>Xylosma pseudosalzmanii</i> Sleum.	AR
GENTIANACEAE	
<i>Irlbachia pedunculatus</i> (Cham. & Schlech.) Gilg.	E
GESNERIACEAE	
<i>Episcia</i> sp.	E
<i>Gesnera allagophylla</i> Mart.	E
GLEICHENIACEAE	
<i>Dicranopteris linearis</i> (Burm.f.) Underw	E
<i>Sticherus bifidus</i> (Willd.) Ching	E
<i>S. pruinus</i> (Mart.) Ching	E
HYPOXIDACEAE	
<i>Hypoxis decumbens</i> Lam.	E
JUNCACEAE	
<i>Juncus dichotomus</i> Ell.	E
LAMIACEAE (=LABIATAE)	
<i>Eriope macrostachya</i> Mart.	AB

Tabela 1 - continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Eriope</i> sp.	AB
<i>Hyptis carvalhoi</i> Harley	AB/E
<i>H. lutescens</i> Pohl ex Benth.	E
<i>H. marruboides</i> Epl.	AB
<i>H. membranacea</i> Benth.	AB
<i>H. aff. muricata</i> Schott	E
<i>H. aff. propingua</i> Epl.	E
<i>H. suaveolens</i> Poir.	E
LAURACEAE	
<i>Cryptocarya aschersoniana</i> Mez ("canela")	AR
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) Macbride ("canela")	AR
<i>Litsea</i> sp.	AR
<i>Nectandra grandiflora</i> Nees et Mart. ex Nees	AR
<i>N. lanceolata</i> Nees et Mart. ex Nees ("canela")	AR
<i>N. leucothyrsus</i> Meissn.	AR
<i>N. puberula</i> Nees ("canela")	AR
<i>N. rigida</i> (H.B.K.) Nees ("canela-amarela")	AR
<i>Ocotea acutifolia</i> (Nees) Mez	AR
<i>O. basicordatifolia</i> Vatt.	AT
<i>O. corymbosa</i> (Meissn.) Mez	AR
<i>O. felix</i> Coe-Teixeira ("canela")	AR
<i>O. macropoda</i> (H.B.K.) Mez	AR
<i>O. nitidula</i> (Nees et Mart. ex Nees) Mez ("canela")	AR
<i>O. pulchella</i> Nees et Mart. ex Nees ("canela")	AR
<i>O. spectabilis</i> (Meissn.) Mez ("canela")	AR
<i>O. spixiana</i> (Nees) Mez	AR
LILIACEAE	
<i>Gladiolus</i> sp. ("cultivada")	E
<i>Neomarica rupestris</i> (Rav.) Chukr.	E
LORANTHACEAE	
<i>Struthanthus flexicaulis</i> Mart. ("erva-de-passarinho")	P
LYCOPODIACEAE	
<i>Lycopodiella alopecuroides</i> (L.) Cranfill	E
<i>L. camporum</i> B. Øllg & P.G. Windisch	E
LYTHRACEAE	
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) Macbride	E
<i>C. disperma</i> Koehne	E
<i>C. ingrata</i> Cham. & Schlecht.	E
<i>Diplusodon</i> cf. <i>quintuplinervis</i> (Princ. Weuw.) Koehne	AB
<i>D. virgatus</i> Pohl	AB
<i>Lafoensia densiflora</i> Pohl	AR
<i>L. pacari</i> St.Hil.	AR
MALPIGHIACEAE	
<i>Banisteriopsis campestris</i> (Juss.) Little	L
<i>Byrsonima clauseniana</i> Juss.	AB
<i>B. crassa</i> Nied.	AB
<i>B. crassifolia</i> (L.) H.B.K.	AB
<i>B. intermedia</i> Juss.	AB
<i>B. aff. lancifolia</i> Juss.	AR

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Byrsonima</i> cf. <i>nervosa</i> DC.	AB
<i>B. sericea</i> DC.	AR
<i>B. variabilis</i> Juss.	AB
<i>Heteropteris aceroides</i> Griseb.	L
<i>H. umbellata</i> Juss.	L
<i>Peixotoa</i> cf. <i>paludosa</i> Turcz	L
<i>P. tomentosa</i> Juss.	L
<i>Tetrapteris acutifolia</i> Cav.	L
<i>T. guilleminiana</i> Juss.	L
MALVACEAE	
<i>Pavonia commutata</i> Garke	AB
<i>Sida</i> spp.	AB
MELASTOMATACEAE	
<i>Acisanthera variabilis</i> Triana	E
<i>Cambessedesia espora</i> DC.	E
<i>C. hilariana</i> (St. Hil. ex Bonpl.) DC.	E
<i>Lavosiera pectinata</i> Cogn.	AB
<i>Leandra aurea</i> Cogn.	AB
<i>L. cf. blanchetiana</i> Cogn.	AB
<i>L. erostata</i> (DC.) Cogn.	AB
<i>L. foveolata</i> (DC.) Cogn.	AB
<i>L. glabrata</i> (Bumb.) Cogn.	AB
<i>L. melastomoides</i> Raddi	AR
<i>Marcetia taxifolia</i> (St.Hil. ex Bonpl.)	E
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	AR
<i>M. chartacea</i> Triana	AR
<i>M. corallina</i> Spring	AR
<i>M. ibaguensis</i> (DC.) Triana	AR
<i>M. ligustroides</i> (DC.) Naud.	AR
<i>M. paniculata</i> Naud.	AR
<i>M. pepericarpa</i> DC.	AR
<i>M. cf. rimalis</i> Naud.	AB
<i>M. theaezans</i> (Bonpl.) Cogn.	AR
<i>M. cf. valtherii</i> Naud.	AB
<i>Microlicia</i> aff. <i>avicularis</i> Mart.	E
<i>M. cordata</i> Cham.	E
<i>M. isophylla</i> DC.	E
<i>Ossaea cinnamomifolia</i> Triana	E
<i>O. congestiflora</i> (Naud.) Cogn.	E
<i>O. coriacea</i> Triana	E
<i>Tibouchina canescens</i> Cogn.	E
<i>T. cardinalis</i> (Bonpl.) Cogn.	AR/AB
<i>T. gracilis</i> (Bonpl.) Cogn.	E
<i>T. martialis</i> (Cham.) Cogn.	AB/E
<i>T. martusiana</i> DC.	E
<i>T. moricandiana</i> Nannd.	AB
<i>T. phlogiformis</i> DC.	AB
<i>T. sebastianopolitana</i> (Radd.) Cogn.	E
<i>Trembleya laniflora</i> Cogn. var. <i>genuina</i> Cogn.	E
<i>T. parviflora</i> (Don.) Cogn.	E

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
MELIACEAE	
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart. ("cangerana")	AR
<i>Cedrella</i> sp.	AR
<i>Guarea</i> cf. <i>macrophylla</i> Vahl.	AR
<i>Trichilia catigua</i> A.Juss.	AR
MIMOSACEAE (= LEGUMINOSAE-MIMOSOIDEAE)	
<i>Dalbergia brasiliensis</i> Vog.	AB
<i>Inga edulis</i> Mart. "ingá"	AR
<i>I. sellowiana</i> Benth.	AR
<i>I. sessilis</i> Mart. "ingá"	AR
<i>Mimosa acerba</i> Benth.	AB
<i>M. calothamnus</i> Mart.	AB
<i>M. aff. dolens</i> Vell.	E
<i>M. pudica</i> L.	AB
<i>Pithecelobium</i> cf. <i>avaremoteno</i> (Mart.) DC.	AR
MONIMIACEAE	
<i>Mollinedia argyrogyna</i> Perk.	AR
<i>Siparuna apiosyce</i> (Mart.) DC. ("negramina")	AR
MORACEAE	
<i>Brosimum</i> sp.	AR
<i>Ficus</i> sp.	AR
MYRSINACEAE	
<i>Rapanea ferruginea</i> (R. & P.) Mez ("capororoca")	AR
<i>R. umbellata</i> (Mart. ex DC.) Mez ("capororoca")	AR
MYRTACEAE	
<i>Calycorectes psidiiflorus</i> (Bers.) Sobral	AR
<i>Calycorectes</i> sp.	AR
<i>Calyptranthes</i> cf. <i>clusiaefolia</i> Berg.	AR
<i>Campomanesia adamantium</i> (Camb.) Berg.	AB
<i>C. guaviroba</i> DC.	AR
<i>C. cf. sessiliflora</i> (Berg.) Mattos	AR
<i>C. xanthocarpa</i> Berg.	AR
<i>Eugenia calycina</i> Camb.	AR
<i>E. egensis</i> DC.	AB
<i>E. involucrata</i> DC.	AR
<i>E. paniculata</i> Banks	AB
<i>Gomidesia affinis</i> (Camb.) Legr.	AR
<i>G. lindeniana</i> Berg.	AR
<i>G. sellowiana</i> Berg.	AR
<i>Gomidesia</i> sp.	AR
<i>Marleria cannaefolia</i> Berg.	AR
<i>Myrceugenia myrcioides</i> Camb.	AR
<i>Myrceugenia</i> sp.	AR
<i>Myrcia acuminatissima</i> Berg.	AR
<i>M. calycina</i> Camb.	AR
<i>M. crassifolia</i> (Berg.) Kiaersk.	AR
<i>M. dictyophleba</i> (Berg.) Legr.	AR
<i>M. intermedia</i> Kiaersk.	AR
<i>M. laruttea</i> Camb.	AR

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Myrcia leptoclada</i> DC.	AR
<i>M. linkiana</i> DC.	AR
<i>M. cf. oblongata</i> DC.	AR
<i>M. tomentosa</i> (Aubl.) DC.	AR
<i>Pimenta pseudocaryophyllus</i> Blume	AR
<i>Plinia</i> sp.	AR
<i>Siphoneugena chnoosepala</i> (Kiaersk.) Kransel	AR
<i>S. densiflora</i> Berg.	AR
<i>S. widgreniana</i> Berg.	AR
NYCTAGINACEAE	
<i>Guapira moxia</i> (Netto) Lund.	AR
<i>G. opposita</i> (Vell.) Reitz	AR
<i>Neea</i> sp.	AR
OCHNACEAE	
<i>Ouratea castanaefolia</i> (DC.) Engl.	AR
<i>Sauvagesia erecta</i> L.	E
<i>S. velloziana</i> (Vand.) Sastre	E
ONAGRACEAE	
<i>Ludwigia laruotheana</i> (Camb.) Hara ("cruz-de-malta")	E
<i>L. nervosa</i> Poir. ("cruz-de-malta")	E
ORCHIDACEAE	
<i>Cleistes lepida</i> (Rchb.f.) Schltr.	E
<i>Epidendrum dendroboides</i> (Lindl.) Pabst	E
<i>E. denticulatum</i> Barb. Rodr.	E
<i>Habenaria armata</i> Richenb.	E
<i>H. parviflora</i> Lindl.	E
<i>Laelia flava</i> Lindl.	E
<i>Oncidium battemanianum</i> Parm.	E
<i>Prescotia montana</i> Barb. Rodr.	E
<i>Zygopetalum mackayi</i> Hook.	E
<i>Zygopetalum</i> sp.	E
PASSIFLORACEAE	
<i>Passiflora haematostigma</i> Mart. ex. Mast. ("maracujá")	L
<i>P. speciosa</i> Gardn. ("maracujá")	L
<i>Passiflora</i> sp.	L
PIPERACEAE	
<i>Piper cernuum</i> Vell.	AR
<i>P. crassinervium</i> H.B.K.	AB
<i>P. lhotzkyanum</i> Kunth	AB
<i>P. lindbergii</i> DC.	AB
<i>P. salicariifolium</i> Kunth	AB
<i>P. tectonifolium</i> Kunth	AB
POACEAE (=GRAMINEAE)	
<i>Andropogon bicornis</i> L.	E
<i>A. leuhostachyus</i> H.B.K.	E
<i>Bambusa</i> sp.	E
<i>Digitaria</i> sp.	E
<i>Echinolaena flexuosa</i> (Poir.) Chase	E
<i>Erianthus</i> sp.	E

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	E
<i>Panicum millegrana</i> Poir.	E
<i>Paspalum polyphyllum</i> Nees	E
<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.	E
<i>Setaria</i> cf. <i>rarifolia</i> Mik. ex Trin.	E
POLYGALACEAE	
<i>Polygala extraxilaris</i> Chod.	E
<i>P. laureola</i> St.Hil. & Moq.	E
<i>P. paniculata</i> L. ("barba-de-São-Pedro")	E
<i>P. timoutoides</i> Chod.	E
POLYGONACEAE	
<i>Coccoloba vellosiana</i> Casar.	E
<i>Polygonum acuminatum</i> H.B.K. ("erva-de-bicho")	L
POLYPODIACEAE	
<i>Pleopeltis astrolepsis</i> (Liebm.) Fourm.	E
<i>Polypodium fraxinifolium</i> Jacq.	E
<i>P. latipes</i> Langsd. & Fisch.	E
PROTEACEAE	
<i>Euplassa incana</i> (Klotzsch) Johnst.	AR
<i>Roupala montana</i> Bak. ("carne-de-vaca")	AR
PTERIDACEAE	
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl	E
<i>Cheilanthes</i> cf. <i>concolor</i> (Langsd. & Fisch.) R.M. Tryon & A. F. Tryon	E
<i>Pityrogramma trifoliata</i> (L.) R.M. Tryon	E
<i>Pteris vittata</i> L.	E
RHAMNACEAE	
Não identificada	AR
ROSACEAE	
<i>Rubus brasiliensis</i> Mart.	AB
<i>R. rosaefolius</i> Smith	E
RUBIACEAE	
<i>Alibertia concolor</i> (Cham.) Schum.	AR
<i>A. sessilis</i> Schum	AR
<i>Amaioua intermedia</i> Mart.	AR
<i>Borreria capitata</i> (R. et P.) DC.	E
<i>B.</i> cf. <i>tenella</i> Cham. & Schlecht.	E
<i>Coccosypselum erythrocephalum</i> Cham. & Schlecht.	E
<i>Chomelia pohliana</i> Muell.Arg.	AR
<i>Faramea latifolia</i> DC.	AR
<i>Geophila</i> sp.	
<i>Guettarda</i> sp.	E
<i>Manettia</i> cf. <i>cordifolia</i> Mart.	AR
<i>Palicourea crocea</i> (Sw.) R & S.	L
<i>Palicourea tetraphylla</i> Cham. & Schlecht.	AB
<i>Psychotria capitata</i> R. et P.	AB
<i>P. erecta</i> (Aubl.) Stend & Steyerm.	AR
<i>P.</i> cf. <i>higrophiloides</i> Benth.	AB
<i>P. mima</i> Standl.	AR
<i>P. sessilis</i> (Vell.) Muell.Arg.	AR

Tabela 1 - continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
<i>Psychotria</i> sp.	AR
<i>Remijia ferruginea</i> DC.	AR
<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	AB
<i>Rudgea</i> sp.	E
RUTACEAE	
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. ("mamica-de-cadela")	AR
SAPINDACEAE	
<i>Cupania vernalis</i> Camb. ("camboatá")	AR
<i>Matayba</i> cf. <i>elaegnoides</i> Radlk.	AR
<i>M. guianensis</i> Aubl.	AR
<i>M.</i> cf. <i>juglandifolia</i> (Camb.) Radlk.	AR
<i>M.</i> cf. <i>punctata</i> Radlk.	AR
<i>Paullinia carpopodea</i> Camb.	L
SAPOTACEAE	
<i>Pouteria venosa</i> (Mart.) Baehni	AR
SAXIFRAGACEAE	
<i>Escallonia chlorophylla</i> Cham. & Schlecht.	AB
<i>E. obtusissima</i> St.Hil.	AB
SCHIZAEACEAE	
<i>Anemia flexuosa</i> (Sav.) Sw.	E
<i>A. phyllitidis</i> (L.) Sw.	E
<i>A. villosa</i> Willd.	E
SCROPHULARIACEAE	
<i>Buchnera</i> sp.	E
<i>Esterhazia splendida</i> Mik.	E
SMILACACEAE	
<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng. ("salsa-parrilha")	L
<i>S. campestris</i> Griseb. ("salsa-parrilha")	L
<i>Bassovia velutina</i> Dun.	AR
<i>Brunfelsia</i> cf. <i>brasiliensis</i> (Spreng.) Smith & Downs ("manacá")	AB
<i>Cestrum amictum</i> Schlecht.	AR
<i>C. corymbosum</i> Schlecht.	AR
<i>C. laevigatum</i> Schlecht.	AR
<i>C. lanceolatum</i> Miers	AR
<i>C. nocturnum</i> L.	AR
<i>Solanum americanum</i> Mill.	E
<i>S. aspero-lanatum</i> R. & P.	AB
<i>S. bullatum</i> Vell.	AR
<i>S. lycocarpum</i> St.Hil.	E
<i>S. mauritanium</i> Scop.	E
SYMPLOCACEAE	
<i>Symplocos</i> cf. <i>phaeoclados</i> DC.	AR
THEACEAE	
<i>Laplacea acutifolia</i> (Waw.) Kob.	AR
<i>Thea sinensis</i> L. ("chá-cultivado")	AB
THELYPTERIDACEAE	
<i>Thelypteris</i> sp.	E

Tabela 1. continuação

Nome Científico / Nome Popular	Hábito
THYMELAEACEAE	
<i>Daphnopsis fasciculata</i> (Meissn.) Nevl.	AR
TILIACEAE	
<i>Triunfetta semitriloba</i> Jacq. ("carrapicho")	E
TURNERACEAE	
<i>Turnera hassleriana</i> Urban	AB
ULMACEAE	
<i>Celtis brasiliensis</i> Gardn.	AR
<i>C. iguanaea</i> (Jacq.) Sarj.	AR
<i>Trema</i> sp.	AR AR
VERBENACEAE	
<i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) Jacq.	AR
<i>A. intermedia</i> Mold.	AR
<i>Lantana</i> aff. <i>canescens</i> H.B.K.	AB
<i>L. lilacina</i> Desf.	AB
<i>L. lundiana</i> Schaw.	E
<i>L. undulata</i> Schr.	AB
<i>Vitex</i> cf. <i>cymosa</i> Bert. ex Spreng.	AR
<i>V. sellowiana</i> Cham.	AR
VISCACEAE	
<i>Phoradendron crassifolium</i> (Pohl) Eichl.	P
<i>P. holaxanthum</i> Eichl.	P
VOCHYSIACEAE	
<i>Qualea parviflora</i> Mart.	AR
<i>Vochysia tucanorum</i> Mart. ("pau-tucano")	AR
XYRIDACEAE	
<i>Xyris</i> spp. ("botão-de-ouro")	E
WINTERACEAE	
<i>Drymis brasiliensis</i> Miers ("casca-de-anta")	AB
ZINGIBERACEAE	
<i>Hedychium coronarium</i> Koeng. ("lírio-do-brejo")	E/M

Na Tab. 3 pode-se observar, segundo o índice de Sorensen, o percentual de similaridade entre famílias, gêneros e espécies, nos vários estudos realizados em São Paulo, Minas Gerais e neste trabalho. Observa-se que em níveis específico e genérico, apesar de baixas, as maiores similaridades foram obtidas com relação aos estudos de Vilela *et al.* (1995) e Oliveira Filho *et al.* (1994), em florestas mesófilas do sul de Minas Gerais.

Pagano *et al.* (1995), que estudaram uma floresta mesófila em Rio Claro, no Estado de São Paulo, utilizando o índice de Jaccard, afirmam que as florestas mesófilas podem apresentar diferenças florísticas significativas em áreas muito próximas, mesmo utilizando-se métodos de amostragem semelhantes.

Trabalhos	Local	Metodologia	Famílias	Gêneros	Espécies	Resultados Famílias mais representativas
Cavassan et al. (1984)	Reserva Estadual de Baunu, SP. Floresta mesófila.	quadrantes 129 pontos dist. 20m.	33	57	60	Famílias mais representativas Leguminosae, Rutaceae, Myrtaceae, Boraginaceae, Meliaceae, Lauraceae, Moraceae, Apocynaceae, Flacourtiaceae e Verbenaceae.
Rodrigues (1986)	Serra do Japi, Jundiá, SP. Floresta mesófila.	parcelas 42 (10x10m)	55	122	206	Myrtaceae, Leguminosae, Solanaceae, Lauraceae, Rubiaceae, Euphorbiaceae, Asteraceae, Melastomataceae, Meliaceae e Anacardiaceae.
Bertoni et al. (1987)	Reserva Estadual de Porto Ferreira, SP. Floresta ripária.	quadrantes 63 pontos	38	90	126	Leguminosae, Myrtaceae, Rutaceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae, Meliaceae, Lauraceae, Moraceae, Myrsinaceae e Sapindaceae.
Rodrigues et al. (1989)	Serra do Japi, Jundiá, SP. Floresta Mesófila.	parcelas 42 (10x10m)	48	91	128	Leguminosae, Myrtaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Asteraceae, Celastraceae, Rubiaceae, Solanaceae, Vochysiaceae e Annonaceae.
Meira Neto et al. (1989)	P.Nac. da Grota Funda, Alibáia, MG. Floresta mesófila.	caminhaduras aleatórias	56	114	181	Myrtaceae, Leguminosae, Lauraceae, Rubiaceae, Flacourtiaceae, Flacourtiaceae, Solanaceae, Sapindaceae e Melastomataceae.
Vieira et al. (1989)	P.E. Vapurunga, Santa Rita do Passa Quatro, SP. Floresta mesófila.	parcelas 22 (20x40m)	39	69	81	Leguminosae, Myrtaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Meliaceae, Moraceae, Annonaceae, Rutaceae, Rubiaceae e Flacourtiaceae.
Gandolfi (1991)	Aeroporto Internacional de Guarulhos, SP. Floresta Mesófila.	parcelas 121 (20x20m)	46	98	158	Myrtaceae, Leguminosae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Asteraceae, Solanaceae, Rubiaceae, Verbenaceae, Sapindaceae e Bignoniaceae.
Leitão Filho (1992)	Serra do Japi, Jundiá, SP. Floresta mesófila.	parcelas 42 (10x10m)	63	176	303	Leguminosae, Myrtaceae, Lauraceae, Rubiaceae, Rutaceae, Euphorbiaceae, Asteraceae, Solanaceae, Meliaceae e Moraceae.
Aradjo (1992)	E.E. do Panga, Faz. Exp. do Glória, Uberlândia, MG. Floresta mesófila.	parcelas 50 (10x10m)	53	104	151	Leguminosae, Rubiaceae, Myrtaceae, Lauraceae, Flacourtiaceae, Anacardiaceae, Annonaceae, Apocynaceae, Euphorbiaceae e Meliaceae.
Costa (1992)	E.E. do Ibitatú, Piracicaba, SP. Floresta mesófila.	parcelas 38 (10x20m)	39	79	103	Leguminosae, Euphorbiaceae, Myrtaceae, Rubiaceae, Rutaceae, Lauraceae, Apocynaceae, Meliaceae e Annonaceae.
Schiavini (1992)	E.E. do Panga, Uberlândia, MG. Atlântica.	quadrantes e parcelas 30 (10x10m)	45	75	100	Leguminosae, Lauraceae, Rubiaceae, Myrtaceae, Meliaceae, Moraceae, Annonaceae, Vochysiaceae, Melastomataceae e Sapindaceae.
Leitão Filho (1993)	Rios Piões e Mogi, Cubatão, SP. Mata Atlântica.	parcelas 60 (10x10m)	42	104	156	Myrtaceae, Lauraceae, Rubiaceae, Leguminosae, Euphorbiaceae, Sapotaceae, Melastomataceae, Chrysobalanaceae, Annonaceae e Sapotaceae.
Oliveira Filho et al. (1994)	Reserva Biológica do Poço Bonito, Lavras, MG. Floresta mesófila.	parcelas 16 (10x30m)	64	146	231	Leguminosae, Myrtaceae, Melastomataceae, Lauraceae, Rubiaceae, Euphorbiaceae, Flacourtiaceae, Myrsinaceae e Annonaceae.
Durigan (1994)	Mata cilíares no Oeste de São Paulo, SP.	caminhaduras aleatórias; parcelas 30 (10x10m) x 3 áreas.	41	67	87	Myrtaceae, Melastomataceae, Lauraceae, Leguminosae, Sympllocaceae, Myrsinaceae, Meliaceae, Euphorbiaceae, Moraceae e Sapindaceae.
Leitão Filho et al. (1994)	Mata cilíar nos rios Mogi Guaçu e Peixe, Mogi Guaçu, SP.	caminhaduras aleatórias e parcelas 50 (10x10m).	47	105	161	Leguminosae, Myrtaceae, Meliaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Sapindaceae, Rubiaceae, Rutaceae, Flacourtiaceae e Verbenaceae.
Cervinho et al. (1995)	Alto do Grande, Bom Sucesso, MG. Mata ripária.	não apresentada	56	131	217	Leguminosae, Myrtaceae, Lauraceae, Euphorbiaceae, Rubiaceae, Melastomataceae, Annonaceae, Flacourtiaceae, Meliaceae e Moraceae.
Tomasulo (1995)	Parq. Mun. de Serra do Itapey, Mogi das Cruzes, SP. Floresta mesófila.	quadrantes 12 linhas x 10p x 3 áreas	49	105	149	Leguminosae, Lauraceae, Myrtaceae, Melastomataceae, Euphorbiaceae, Solanaceae, Rubiaceae, Sapotaceae, Annonaceae e Meliaceae.
Vieira et al. (1995)	Mata cilíar no alto rio Grande, Ituinga, MG.	parcelas 42 (15x15m)	66	158	253	Myrtaceae, Leguminosae, Rubiaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Melastomataceae, Annonaceae, Asteraceae, Moraceae e Monimiaceae.
Meguro et al. (1996)	Serra do Cipó, MG. Mata ripária.	parcelas 20(2x2m) e método de distância.	54	108	171	Myrtaceae, Leguminosae, Lauraceae, Rubiaceae, Melastomataceae, Euphorbiaceae, Asteraceae, Annonaceae, Clusiaceae e Vochysiaceae.
Rozza & Ribeiro (1992)	Campo do ESALQ, Piracicaba, SP. Mata cilíar	parcelas 20 (10x10m)	23	37	46	Leguminosae, Myrtaceae, Euphorbiaceae, Moraceae, Nyctaginaceae, Rubiaceae e Rutaceae.

Tabela 2. Levantamento florístico e fitossociológico de espécies arbóreas realizados em diferente áreas florestais na região sudeste do Brasil

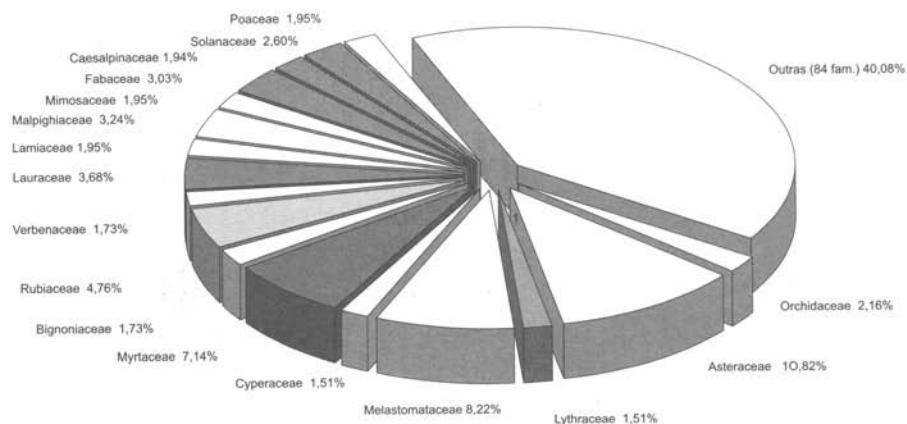


Figura 2. Riqueza específica por família no levantamento florístico, da Estação Ecológica de Tripuí, Ouro Preto MG.

O grande número de espécies de Asteraceae identificadas e, conseqüentemente, sua alta riqueza específica deve-se principalmente ao estágio sucessional em que se encontra a vegetação da E.E.T. Observa-se a presença de muitas espécies herbáceas invasoras, pertencentes a essa família, que ocorrem nos estádios iniciais de ocupação de áreas perturbadas e que possuem grande plasticidade ambiental.

Os dados do levantamento florístico e as observações de campo permitiram definir-se as seguintes formações: florestas mesófilas estacionais, cerrado, vegetação aquática (brejos, lagoa artificial e córregos), áreas de transição entre esses tipos, áreas com formações sucessionais secundárias (naturais e antrópicas) e áreas cultivadas.

Descrição das principais fisionomias

Florestas Mesófilas - São formações predominantemente arbóreas, silvestres, climáticas, decíduas e semidecíduas, que ocorrem na faixa tropical (FEAM 1995; CETEC 1996). O grau de deciduidade depende da estacionalidade, isto é, da duração do período de seca e também da capacidade de retenção de água pelo solo. Algumas das espécies identificadas nessas florestas: *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March. (almecegueira), *Guatteria vilosissima* St.Hil. (pindaíba), *Tabebuia* sp. (ipê-amarelo), *Clethra scabra* Pers., *Piptocarpha* cf. *macropoda* Bak., *Vanillosmopsis erythropappa* Schul. Bip. (candeia), *Vismia guianensis* (Aubl.) Choisy, *Endlicheria paniculata* (Spreng.) Macbride (canela-papagaio), *Nectandra lanceolata* Nees et Mart. ex Nees (canela), *Ocotea spectabilis* (Meissn.) Mez (canela), *Copaifera langsdorffii* Desf. (pau-d'óleo), *Dalbergia villosa* Benth. (jacarandazinho), *Aspidosperma parvifolium* DC., *Alibertia concolor* (Cham.) Schum., *Miconia* cf. *chartacea* Triana, *Tibouchina canescens* Cogn. (quaresmeira), *Psychotria* cf. *sessilis* (Vell.) Muell. Arg., *Vitex sellowiana* Cham., *Cabralea cangerana* (Vell.) Mart. (cangerana), *Rapanea ferruginea* (R. et P.) Mez (capororoca), *Myrcia leptoclada* DC. e *Myrcia linkiana* DC.

Tabela 3. Comparativo da riqueza florística de espécies arbóreas, em diferentes áreas florestais na região sudeste, com os resultados obtidos no levantamento florístico na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG

Trabalhos	táxons comuns			Índice de similaridade de Sorensen	Famílias mais representativas		
	Famílias	Gêneros	Espécies		(%)	Espécies	Gêneros
Cavassan <i>et al.</i> (1984)	26	21	9	40	5,9	24,7	64,2
Rodrigues (1986)	41	55	30	60	16,0	53,9	85,4
Bertoni <i>et al.</i> (1987)	26	38	17	40	9,1	37,4	60,5
Rodrigues <i>et al.</i> (1989)	41	55	30	60	16,0	53,9	85,4
Meira Neto <i>et al.</i> (1989)	35	58	36	60	16,8	51,1	67,3
Vieira <i>et al.</i> (1989)	25	30	11	40	6,7	33,0	57,5
Gandolfi (1991)	33	51	32	70	15,9	28,3	70,2
Leitão Filho (1992)	42	74	55	50	20,0	41,2	75,7
Araújo (1992)	34	51	24	40	12,1	47,0	67,3
Costa (1992)	25	37	19	40	10,9	38,5	57,5
Schiavini (1992)	29	39	21	50	12,1	41,5	62,4
Oliveira Filho <i>et al.</i> (1994)	29	43	15	50	7,4	39,6	64,4
Durigan (1994)	46	81	50	50	20,9	62,5	82,1
Leitão Filho <i>et al.</i> (1994)	32	49	26	40	15,6	54,4	72,0
Carvalho <i>et al.</i> (1995)	30	47	34	50	16,7	43,1	63,2
Tomasulo (1995)	39	62	43	50	18,5	50,8	75,0
Vilela <i>et al.</i> (1995)	34	53	30	60	15,2	48,6	70,1
Meguro <i>et al.</i> (1995)	45	78	58	60	23,2	57,6	78,9
Meguro <i>et al.</i> (1996)	40	59	48	60	23,0	53,4	78,4
Rozza <i>et al.</i> s.d.	18	15	7	40	4,8	20,0	50,7

Cerrados - São formações savanícolas, campestres, bioestratificadas, onde o estrato herbáceo é dominado por gramíneas. Os cerrados são considerados um complexo vegetacional (Rizzini 1979; Fernandes & Bezerra 1990) que se destacam pela escleromorfia foliar e pela suberização dos seus elementos florísticos. Entre 40-50% das espécies do cerrado ocorrem em múltiplas combinações nas suas variações fisionômicas (campo limpo, campo sujo, campo cerrado e cerrado típico). Os limites e interfaces entre essas fisionomias só podem ser corretamente definidos quando se realiza trabalho acurado de levantamento florístico e de análise da sua estrutura. Para a definição fisionômica no âmbito da E.E.T., tomou-se por base comparativa as ilustrações de Eiten (1983). No campo limpo de cerrado foram identificadas *Diplusodon* cf. *quintuplinervis* (Princ. Neuwied) Koehne, *Ossaea cinnamomifolia* Triana, *Ossaea coriacea* Triana, *Trembleya laniflora* var. *genuina* Cogn., *Peixotoa* sp., *Irlbachia pedunculatus* (Cham. & Schlecht.) Gilg., *Episcia* sp., *Escallonia* cf. *clorophylla* Cham. & Schlecht., *Gaylussacia salicifolia* Cham. & Schlecht., *Paepalanthus* sp., *Singonanthus* sp., *Oncidium* sp., *Fimbristylis autumnalis* (L.) R. & P., *Melinis minutiflora* Beauv., *Andropogon bicornis* L., *Digitaria* sp., *Paspalum polyphyllum* Nees, *Panicum millegrana* Poir., *Erianthus* sp. e *Cuphea* cf. *disperma* Koehne. No campo sujo de cerrado, onde já ocorrem em maior percentagem arbustos e árvores de pequeno, porte foram identificadas *Jacaranda caroba* (Vell.) DC. (jacarandazinho), *Ilex* cf. *theezans* Mart., *Didymopanax macrocarpum* (Cham. & Schlecht.) Seem., *Erythroxylum suberosum* St. Hil., *Baccharis platypoda* DC., *Eremanthus incanus* Less. (candeião), *Vanillosmopsis erythropappa* Schul. Bip. (candeia), *Stenocline* sp.

(marcela), *Melinis minutiflora* Beauv. (capim-gordura), *Diplusodon* cf. *quintuplinervis* (Princ. Weuwied) Koehne, Ciperáceas (*Fimbristylis* sp., *Rynchospora* spp.) e Gramíneas (*Paspalum* sp., *Panicum* sp., *Digitaria* sp., *Erianthus* sp.).

Áreas Úmidas/Brejos Permanentes - A vegetação aquática ('macrófitas aquática') ocorre nas "áreas úmidas" que são "áreas de pântano, brejo, turfeira ou com água, naturais ou artificiais, permanentes ou temporárias, com água corrente ou parada, doce, salobra ou salgada, incluindo áreas marinhas, cuja profundidade na maré baixa não exceda seis metros" (IUCN 1988). Na E.E.T. existe uma lagoa artificial próxima à sede, vários córregos nas depressões e, a uma certa distância dos cursos d'água, brejos permanentes com solo higromórfico, cujo nível de inundação diminui no auge da estação seca (setembro a outubro). Algumas dessas áreas encontram-se em adiantado estágio sucessional, onde as espécies terrestres já ocupam papel significativo. *Hedychium coronarium* Koeng. (lírio-do-brejo), *Sauvagesia erecta* L., *Commelina erecta* L. (trapoeiraba), *Begonia hispida* Schott ex DC. (begônia), *Tripogandra diuretica* (Mart.) Handl., *Drosera montana* Mart., *Juncus dichotomus* Ell., *Anemia phyllitidis* (L.) Sw., *Sticherus pruinus* (Mart.) Ching (samambaia), *Blechnum serrulatum* Rich., *Centella biflora* Nannf., *Xyris* sp. (botão-de-ouro), *Syphocampylus convolvulaceus* G. Don. e *Ludwigia laruttea* (Camb.) Hara são algumas das espécies identificadas nesta formação.

Em muitas áreas, próximas aos cursos d'água perenes, observam-se florestas que necessitam ser melhor estudadas, para que se possa definir de forma mais clara a que tipo pertencem, pois se assemelham, fisionomicamente, às florestas mesófilas, às florestas de galeria, aos 'candeiais' e até mesmo às formações sucessionais.

Formações Sucessionais - Sucessões são processos ordenados de mudanças em uma comunidade vegetal que foi perturbada na sua composição florística e estrutura originais e nos solos sobre os quais estão estabelecidas (Ehrlich & Roughgarden 1987). Mudanças climáticas, geológicas e a intervenção humana são os principais fatores causadores desta perturbação. Assim, as chamadas "capoeiras" que ocorrem na E.E.T. são formações sucessionais que podem evoluir e apresentar composição florística e estrutura semelhantes às formações pré-existentes. Nessas áreas, são comuns espécies herbáceas invasoras e espécies pioneiras, tais como *Achyrocline satureoides* (Lam.) DC. (marcela), *Baccharis trimera* DC. (carqueija), *Abatia americana* (Gardner) Eich., *Hyptis membranacea* Benth., *Trembleya parviflora* (Don.) Cogn., *Gleichenia bifida* (Willd.) Ching. (samambaia), *Coccosysselum erythrocephalum* Cham. & Schlecht., *Psychotria* cf. *sessilis* (Vell.) Muell. Arg., *Lantana lilacina* Desf., *Triumpheta semitriloba* Jacq. e *Geophila* sp. (Tab. 1).

O "candeial" (Área 6-Trevo) se insere nas sucessões secundárias como uma formação pioneira de *Vanillosmopsis erythropappa* Schul. Bip., que se desenvolve após a perturbação da floresta mesófila, cujo número de indivíduos diminui gradativamente, à medida que a floresta atinge estádios mais avançados de desenvolvimento, na sua estrutura e composição florística. Quando as árvores da floresta mesófila ultrapassam em altura as da "candeia", competindo por luz e nutrientes,

causando-lhes sombreamento cada vez maior, observa-se a diminuição do número de indivíduos desta espécie, até seu desaparecimento no interior da floresta.

As florestas mesófilas estacionais da E.E.T., particularmente nas Áreas 1 - Pomar e 5- Esperto, apresentaram semelhanças florísticas e estruturais com outras florestas estudadas na região sudeste do Brasil, em Minas e São Paulo (Cavassan *et al.* 1984; Pagano & Leitão Filho 1987; Vieira *et al.* 1989; Rodrigues *et al.* 1989; Vilela *et al.* 1994; Pagano *et al.* 1995).

A variação da deciduidade das florestas mesófilas na E.E.T. está relacionada à concentração dos componentes químicos dos solos, que apresentam baixos teores de Ca, Mg e P, altos teores de Al e acidez elevada (CETEC 1996). Este fato foi também observado por Ratter *et al.* (1978) ao estudarem florestas em solos mesotróficos no Brasil Central no Vale dos Sonhos (MT), Padre Bernardo (GO) e Januária (MG).

Apesar de fisionomicamente semelhantes, apenas duas das áreas estudadas apresentaram similaridade florística, o que está de acordo com o postulado por Whittaker (1977) para comunidades florestais em geral, que formam verdadeiros mosaicos, embora possam apresentar tipos dominantes de vegetação, como no caso da E.E.T., representado pelas florestas mesófilas.

Agradecimentos

À Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais - FEAM, pelo apoio logístico, principalmente na pessoa do administrador da E.E.T., o Biólogo Aristides Guimarães Salgado Neto e aos demais funcionários, pela colaboração nos trabalhos de campo; à Bióloga Yule Roberta Ferreira Nunes e aos técnicos em atividades de pesquisa Geraldo Pereira de Souza e José Carlos dos Santos (SAT/CETEC) pelo apoio nos trabalhos de campo; ao Prof. Dr. Waldir Mantovani, Departamento de Ecologia/USP, pelas orientações e discussões com relação à definição da rede de amostragem; ao Prof. Dr. José Rubens Pirani, Profa. Maria Leonor del Rey Souza, Dr. Jefferson Prado e ao Pesquisador Luciano de Bem Bianchetti que auxiliaram na identificação taxonômica das plantas.

Referências bibliográficas

- Ab' Saber, A.N. 1977. Os domínios morfoclimáticos na América do Sul. **Boletim do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo** 52: 1-21.
- Antunes, F.Z. 1986. Caracterização climática do Estado de Minas Gerais. **Informações Agropecuárias** 12: 9-13.
- Araújo, G.M. 1992. **Comparação da estrutura e do teor de nutrientes nos solos e nas folhas de espécies arbóreas de duas matas mesófilas semidecíduas no triângulo Mineiro**. Campinas. Unicamp. Tese de Doutorado.
- Araújo, L.C. 1944. **Vanillosmospsis erythropappa (DC.) Sch. Bip. e sua exploração florestal**. Rio de Janeiro. Escola Nacional de Agricultura. Tese para Professor Catedrático.
- Badini, J. 1985. **Flora do Tripuí: Anotações técnicas da UFOP**. Ouro Preto. Departamento de Botânica/UFOP. 6p. (polígrafo).
- Baldini, J. 1988. **Estação Ecológica do Tripuí e sua Flora: Anotações técnicas da UFOP**. Ouro Preto. Departamento de Botânica/UFOP. 13p. (polígrafo).
- Barroso, G.M.; Guimarães, E.F.; Ichaso, C.L.F.; Costa, C.G. & Peixoto, A.L. 1978. **Sistemática de Angiosperma do Brasil: I**. São Paulo. LCT/EDUSP.

- Barroso, G.M.; Guimarães, E.F.; Ichaso, C.L.F.; Costa, C.G.; Peixoto, A.L. & Lima, H.C. 1984. **Sistemática de Angiosperma do Brasil: II**. Viçosa. Imprensa Universitária.
- Barroso, G.M.; Guimarães, E.F.; Ichaso, C.L.F.; Costa, C.G.; Peixoto, A.L. & Lima, H.C. 1986. **Sistemática de Angiosperma do Brasil: III**. Viçosa. Imprensa Universitária.
- Bertoni, J.E. A. & Martins, F.R. 1987. Composição florística de uma floresta ripária na Reserva Estadual de Porto Ferreira, SP. **Acta Botanica Brasilica** 1(1): 17-26.
- Carvalho, D.A.; Oliveira-Filho, A.T.; Vilela, E.A. & Gavilanes, M.L. 1995. Flora arbustivo-arbórea de uma floresta ripária no alto rio Grande em Bom Sucesso/MG. **Acta Botanica Brasilica** 9(2): 231-245.
- Cavassan, O.; Cesar, O. & Martins, F.R. 1984. Fitossociologia da vegetação arbórea da Reserva Estadual de Bauru, Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Botânica** 7 (2):91-106.
- CETEC - FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS. 1992. **Ecofisiologia da 'candeia' (*Vanillosmopsis* sp.) visando seu aproveitamento ecológico e econômico**. Belo Horizonte. SAT/CETEC. Relatório técnico.
- CETEC - FUNDAÇÃO CENTRO TECNOLÓGICO DE MINAS GERAIS. 1996. **Ecofisiologia da candeia**. Belo Horizonte: SAT/CETEC. Relatório técnico.
- Cook, C.D.K. 1974. **Water plants of the world**. The Hague, Dr. W. Junk b.v. Publ.
- Costa, L.G.S. 1992. **Estrutura e dinâmica de um trecho de mata mesófila semidecídua na Estação Experimental de Ibicatú, Piracicaba, SP**. São Paulo. Universidade de São Paulo, Departamento de Ecologia. Dissertação de Mestrado.
- Cronquist, A. 1988. **The evolution and classification of flowering plants**. New York. The New York Botanical Garden.
- Durigan, G. 1994. **Florística, Fitossociologia e produção de folheto em matas ciliares da região oeste do Estado de São Paulo**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Ecologia. Tese de Doutorado.
- Ehrlich, P.R. & Roughgarden, J.R. 1987. **The science of ecology**. New York. Macmillan. p. 5-90.
- Eiten, G. 1983. **Classificação da vegetação do Brasil**. Brasília: CNPq.
- FEAM - FUNDAÇÃO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE. 1995. **Plano de Manejo da Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto, MG**. Belo Horizonte. FEAM. V.1.
- Fernandes, A.G. & Bezerra, P. 1990. **Estudo Fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stylus Comunicações.
- Ferri, M.G. 1980. **Vegetação Brasileira**. Belo Horizonte. Itatiaia; São Paulo. EDUSP.
- Font Quer, M.P. 1977. **Dicionário de botânica**. Barcelona: Lábor.
- Gandolfi, S. 1991. **Estudo florístico e fitossociológico de uma floresta residual na área do Aeroporto Internacional de São Paulo, Município de Guarulhos, SP**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Botânica. Dissertação de Mestrado.
- IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 1992. **Manual Técnico da Vegetação Brasileira**. Rio de Janeiro. IBGE.
- IUCN - UNIÃO PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. 1988. **Campanha para a proteção de áreas úmidas**. Brasília: IUCN/WWF/IBDF. 10p.
- Leitão-Filho, H.F.; Azevedo, D.B.; Santin, D.A.; Gardolinski, P.C.F.C. & Rodrigues, R.R. 1994. **Estudos de ecologia da mata ciliar dos rios Mogi Guaçu e Peixe - UHE Mogi Guaçu - São Paulo**. Campinas. Departamento Botânica/Unicamp.
- Magurran, A.E. 1988. **Ecological diversity and its measurement**. Princeton. University Press.
- Mantovani, W. 1992. **Fitossociologia**. São Paulo. Departamento de Ecologia/USP. 28p. (polígrafo).
- Martins, F.R. 1991. **Estrutura de uma floresta mesófila**. Campinas. Unicamp.
- Martins, F.R. 1992. **Métodos de amostragem em vegetação**. Aracaju. UFSE/SBB, 10p. (polígrafo).
- Martius, C.F.P., Eichler, G.F. & Urban, I. (eds.). 1840-1906. **Flora Brasiliensis Enumeratio Plantarum**. Monachii. Lipsiae. 16v., il.
- Meguro, M.; Pirani, J.R.; Mello-Silva, R. & Giulietti, A.M. 1996. Caracterização florística e estrutural de mata ripárias e capões de altitude da Serra do Cipó, MG. **Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo** 15: 13-29.
- Meira-Neto, J.A.A.; Bernacci, L.C.; Grombone, M.T.; Tamashiro, J.Y. & Leitão-Filho, H.F. 1989. Composição florística da floresta semidecídua de altitude do Parque Municipal da Grota Funda (Atibaia, SP). **Acta Botanica Brasilica**. 3(2): 51-74.

- Mori, S.A., Mattos-Silva, L.A., Lisboa, G. & Coradin, L. 1989. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2ª ed. Ilhéus. CEPLAC.
- Muller-Dombois, D. & Ellenberg, H. 1974. **Aims and methods for vegetation ecology**. New York. J. Wiley & Sons.
- Oliveira-Filho, A.T.; Almeida, R.J.; Mello, J.M. & Gavilanes, M.L. 1994. Estrutura fitossociológica e variáveis ambientais em um trecho da mata ciliar do córrego dos Vilas Boas, Reserva Biológica do Poço Bonito, Lavras (MG). **Revista Brasileira de Botânica** 17(1): 67-85.
- Pagano, S.N.; Leitão-Filho, H.F. & Shepperd, G.J. 1987. Estudo fitossociológico em mata mesófila semidecídua no município de Rio Claro (Estado de São Paulo). **Revista Brasileira de Botânica** 10: 49-61.
- Pagano, S.N. & Leitão-Filho, H.F. 1987. Composição florística do estrato arbóreo de mata mesófila semidecídua, no município de Rio Claro (Estado de São Paulo). **Revista Brasileira de Botânica** 10: 37-47.
- Pagano, S.N. 1989. Produção de folhedo em Mata Mesófila Semidecídua no Município de Rio Claro, SP. **Revista Brasileira de Botânica** 49(3): 633-639.
- Pagano, S.N.; Leitão-Filho, H.F. & Cavassan, O. 1995. Variação temporal da composição florística e estrutura fitossociológica de uma floresta mesófila semidecídua, Rio Claro, Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biologia** 55(2): 241-58.
- Ratter, J.A.; Askew, G.P.; Montgomery, R.F. & Gifford, D.R. 1978. Observations on forests of some mesotrophic soils in central Brazil. **Revista Brasileira de Botânica** 1:47-58
- Reitz, R. 1965-1989. **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí, (SC), HBR/CNPq/U.S.Nat.Sc. Foudation/IBDF/EMPASC. 161v., 12489p.
- Rizzini, C.T. 1979. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. São Paulo. HUCITEC/EDUSP.
- Rodrigues, R.R.; Morellato, L.P.C.; Joly, C.A. & Leitão-Filho, H.F. 1989. Estudo florístico e fitossociológico em um gradiente altitudinal de mata estacional mesófila semidecídua, na Serra do Japi, Jundiá, SP. **Revista Brasileira de Botânica** 12: 71-84.
- Rodrigues, R.R. 1986. **Levantamento florístico e fitossociológico das matas da Serra do Japi, Jundiá, SP**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Ecologia. Dissertação de Mestrado.
- Rozza, A.F. & Ribeiro, C.A. s.d. **Estudo florístico e fitossociológico de fragmento de mata ciliar dos campos da ESALQ, Piracicaba, SP**. Anais do VIII Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, p. 7-25.
- Schiavini, I. 1992. **Estrutura das comunidades arbóreas de mata de galeria da Estação Ecológica dos Panga (Uberlândia, MG)**. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Ecologia. Dissertação de Mestrado.
- Tomasulo, P.L.B. 1995. **Análise da composição florística e estrutura da vegetação como subsídio ao plano de manejo do Parque Municipal da Serra do Itapety, Mogi das Cruzes, São Paulo**. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Ecologia Geral. Dissertação de Mestrado.
- Veloso, H.P. 1966. **Atlas Florestal do Brasil**. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura.
- Vieira, M.G.L.; Moraes, J.L.; Bertoni, J.E.A.; Martins, F.R. & Zandarin, M.A. 1989. Composição florística e estrutura fitossociológica da vegetação arbórea do Parque Estadual de Vaçununga, Santa Rita do Passa Quatro (SP). II- Gleba Capetinga Oeste. **Revista do Instituto Florestal** 1(1): 135-59.
- Vilela, E.A.; Oliveira-Filho, A.T.; Carvalho, D.A. & Gavilanes, M.L. 1994. Fitossociologia e fisionomia de mata semidecídua margeando o reservatório de Camargos em Itutinga, Minas Gerais. **Ciência e Prática** 18(4):415-24.
- Whittaker, R.H. 1977. **Classification of natural communities**. New York. Arno Press.